

AUTO DA BARCA DO INFERNO

DE GIL VICENTE POR LAUDO FERREIRA



Obra apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas / Portugal

**DG
LB**
DIRECÇÃO-GERAL
DO LIVRO E DAS
BIBLIOTECAS

M|C
MINISTÉRIO DA CULTURA

EDITORIA
Peirópolis



Gil Vicente em cores fortes



Chata, difícil, sem relação com a vida do leitor: esses são adjetivos que rondam parte da literatura cobrada nos vestibulares. No entanto, quando nos aproximamos de autores como Gil Vicente, percebemos que é um grande privilégio contar com obras literárias de altíssima qualidade como janelas para compreendermos o passado.

Alguns autores escreveram textos para purgar questões pessoais mais íntimas, outros para colocar em discussão os problemas da sociedade em que viviam. Há aqueles que compuseram hinos para grandes festejos e outros para cerimônias fúnebres, e é sempre importante lembrar que todos eram pessoas como nós: também sentiam ansiedade, desejo e alegria, e expressavam esses sentimentos em suas obras. De acordo com o gênero escolhido, textos podem ser lidos em silêncio, cantados por grandes corais ou transformados em filmes ou seriados de TV.

Gil Vicente escreveu para ser representado. Seu teatro ganhou notoriedade durante o reinado de D. Manuel, na Lisboa do século XVI, mas nunca deixou de ser apresentado nas ruas, em frente às igrejas, nas feiras livres, atingindo um público extremamente eclético e exigente. Afinal, o teatro popular, feito nas ruas, precisa contar com um encanto extra para conseguir fazer com que todos parem para ver e se deixem levar pela magia da história contada, sem o apoio do aparato da sala especialmente projetada para isso. *O Auto da barca do inferno* é um texto da maturidade de Gil Vicente, quando, em 1517, ele já tinha atingido lugar de destaque na corte portuguesa e podia se dar ao luxo de falar algumas verdades, referindo-se, por exemplo, a um fidalgo arrogante e a um padre luxurioso.

Os desenhos do quadrinista Laudo Ferreira fazem com que muitas vezes nos sintamos no meio da cena. Laudo apresenta praticamente um *storyboard* do texto, que parece pronto para ser “assistido” pelo leitor. Poder olhar para as personagens e vê-las se movimentando na folha de papel é uma contribuição inigualável para a compreensão de um texto tão complexo, escrito em versos e tão marcado pela rima e pelo ritmo que o português arcaico impõe.

Optamos por manter a linguagem completamente original de 1517, para que o leitor possa, apoiado pelas imagens, entrar em contato com o rico universo vicentino sem nenhum tipo de facilitação. Afinal, mesmo que não estejamos preparados para entender detalhadamente todas as palavras pronunciadas pelas personagens, nada seria capaz de substituir a música que o pai do teatro em Portugal faz soar em nossos ouvidos, quando mergulhamos de cabeça no vigor de sua linguagem.



REPRESENTA-SE NA OBRA SEGUINTE ÛA
PREFIGURAÇÃO SOBRE A RIGOROSA ACUSAÇÃO
QUE OS INIMIGOS FAZEM A TODAS AS
ALMAS HUMANAS, NO PONTO QUE PER
MORTE DE SEUS TERRESTRES CORPOS SE PARTEM.



E POR TRATAR
DESTA MATÉRIA,
PÔE O AUTOR POR
FIGURA QUE NO
DITO MOMENTO
ELAS CHEGAM A UM
PROFUNDO BRAÇO
DE MAR, ONDE ESTÃO
DOUS BATEÍIS.





UM DELES PASSA PERA
A GLÓRIA, OUTRO PERA
O PURGATÓRIO.

É DIVIDIDA EM
TRÊS PARTES; ESTA QUE
LHES APRESENTO AGORA
É A PRIMEIRA:
A DA VIAGEM PERA
O INFERNO!

Ã BARCA!!!
Ã BARCA,
OULÁ!!

ORA VENHA
O CARRO A RÉ!
QUE TEMOS
GENTIL MARE!

FEITO!
FEITO!!



1. em muito má hora

2. estique a corda de virar a vela e afrouxe a de levantar